



20

20



RELATÓRIO ANUAL

**PPE - PROGRAMA DE
PERMANÊNCIA
ESTUDANTIL**

INTRODUÇÃO



Apresentamos o relatório anual do PPE - Programa de Permanência Estudantil em relação ao ano de 2020. Convidamos a todos os interessados a participar da nova rodada de doações para 2021, quando novos calouros chegarão às Arcadas, grande parte deles necessitando de auxílio para permanência na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. **INFORMAÇÕES PARA DOAÇÕES NA ÚLTIMA PÁGINA DESTES RELATÓRIO.**

O ano de 2020 sem dúvida foi um ano bastante desafiador para os bolsistas. Em razão da eclosão da pandemia decorrente do coronavírus (Covid-19), os alunos ingressantes praticamente não tiveram aulas presenciais e tiveram de se adaptar a aulas online (quando ministradas), e procurar montar a infraestrutura necessária para o acompanhamento do curso. Este foi o terceiro ano do programa, e já tivemos 29 bolsistas contemplados com o auxílio desde 2018. Para o PPE, 2020 também foi um ano de adaptação, pois todos os encontros bimestrais tiveram de ser realizados de forma virtual, o que também se mostrou positivo, pois pudemos trazer alguns palestrantes de outros estados.

Neste relatório, apresentamos a história, os objetivos e as características do PPE, além de contarmos um pouco sobre as atividades realizadas no período. Ao final, realizamos a prestação de contas das doações recebidas e convidamos a todos a participarem e divulgarem o PPE.

Agradecemos a todos os amigos e colaboradores que se juntaram nessa caminhada! O apoio de todos vocês é essencial para que o PPE continue ajudando os calouros da Sanfran!

APRESENTAÇÃO

CONCEPÇÃO

O PPE foi idealizado por antigos alunos da Sanfran interessados em prover os meios necessários para que calouros com dificuldades socioeconômicas pudessem permanecer e aproveitar todas as oportunidades que a faculdade pode propiciar. O grupo não possui vinculação político-partidária, com a faculdade ou com entidades privadas.

SELEÇÃO

Os bolsistas foram selecionados entre os alunos que ingressaram na Sanfran por meio dos sistemas de cotas, nas modalidades Pretos, Pardos ou Índios (PPI) ou Escolas Públicas (EP). Além dessa primeira seleção, os candidatos preencheram um formulário que permitia a avaliação de outros critérios socioeconômicos e acadêmicos, como, por exemplo: (i) cidade de origem; (ii) forma de moradia em São Paulo; (iii) renda média familiar; (iv) escolaridade dos pais; (v) nota na redação do Enem; e (vi) carta de motivação.

ENCONTROS

Promovemos encontros periódicos que focaram no acompanhamento acadêmico dos bolsistas e no andamento do programa. Também procuramos apresentar aos bolsistas todas as oportunidades e especificidades das mais variadas carreiras jurídicas. Nesse sentido, foram realizados encontros com profissionais de diversas áreas do direito.

PRÓXIMOS PASSOS

Para 2021, contamos com os atuais e antigos bolsistas para que eles sejam embaixadores do programa para a nova turma de calouros – afinal, o PPE já tem um corpo de beneficiados de 29 pessoas. A ajuda deles será essencial na divulgação do PPE para os alunos ingressantes no curso de Direito, que, dado o cenário da pandemia no qual nos encontramos, muito provavelmente será realizado de forma preponderantemente *on-line*. Como nos outros anos, os idealizadores garantirão 3 bolsas de permanência para 2021 e buscarão o engajamento dos atuais e de novos doadores, para atingir novamente o número de 10 bolsas de permanência. Os recursos que sobraram nos anos anteriores, conforme descrito na prestação de contas ao final deste relatório, serão integralmente aplicados nas bolsas. As contrapartidas do PPE têm se mostrado uma ferramenta eficaz para que os bolsistas se engajem na vida acadêmica e em atividades extracurriculares. Todas elas se mostraram factíveis e serão mantidas. Continuaremos buscando aprimorar os encontros periódicos e o programa de mentoria individual. Para tanto, contamos com a participação dos colaboradores e apoiadores do PPE, que formam uma rede de suporte essencial para os bolsistas! Como sempre, permanecemos abertos para sugestões e para a participação de quem tiver interesse em colaborar com o PPE – como doador, mentor, participante nas reuniões ou de qualquer outra forma!

RECURSOS

Com a divulgação do projeto entre antigos alunos e amigos, captamos o valor de R\$ 78,6 mil e assim foi possível conceder 10 bolsas, com valor mensal de R\$ 500, pelo período de 11 meses. Recebemos doações de 26 pessoas físicas, em valores que variaram de R\$ 500 a R\$ 12 mil.

CONTRAPARTIDAS E ENGAJAMENTO

Como contrapartida, os calouros foram estimulados a manter frequência nas aulas de ao menos 80% e média ponderada igual ou superior a 7, além de participarem em atividades extracurriculares e em reuniões periódicas com os idealizadores do PPE. Essas contrapartidas, mais do que obrigações vazias, têm como objetivo garantir e incentivar que os bolsistas pudessem aproveitar as oportunidades que a faculdade oferece.

MENTORIA INDIVIDUAL

Por sugestão dos bolsistas de 2018, instituímos em 2019 um programa de mentoria individual para que cada bolsista tivesse uma pessoa para acompanhamento mais próximo, porém, dado o cenário de 2020, este projeto foi substancialmente reduzido. Ainda assim, entendemos que se trata de um mecanismo excelente para a criação de um vínculo entre bolsistas e mentores.

PERFIL DOS BOLSISTAS

Os critérios utilizados para a concessão das bolsas do PPE permitem a seleção dos mais diferentes perfis de calouros, de diversas localidades do Brasil, de modo a criar um grupo bastante heterogêneo.

21
anos

Idade média
(nascidos entre 1995 e 2002)

1,75
salários
mínimos

Renda média familiar

R\$ 527

Renda média familiar
per capita

100%!

Todos os 10 bolsistas
permaneceram na faculdade

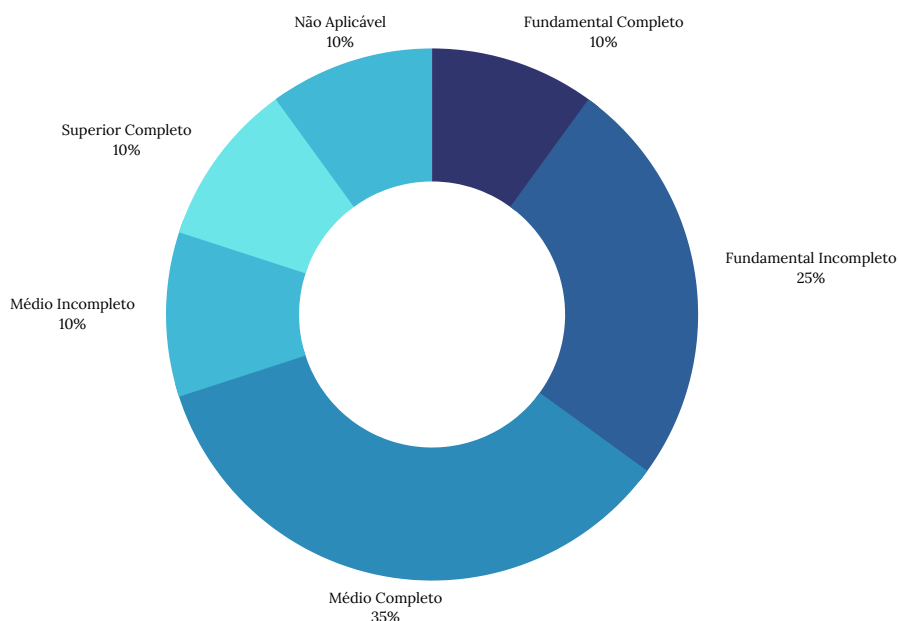
8,58

Média ponderada (a
obtenção de boas notas é
requisito para a manutenção
das bolsas)

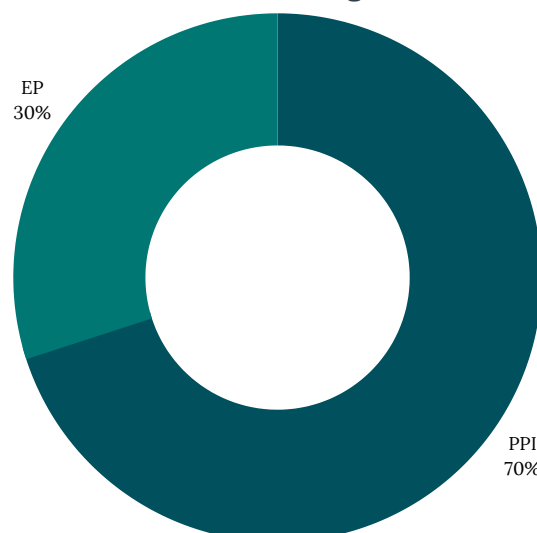
9/10

9 dos 10 bolsistas vieram de
fora de São Paulo, Capital

Escolaridade dos Pais



Modalidade de Ingresso





Eu venho de uma família muito humilde, que apesar de todas as dificuldades sempre me incentivou muito a estudar. Sempre estudei em escola pública, e me destaquei, porém tive meus horizontes expandidos quando entrei na ETEC.

No meu terceiro ano do ensino médio, em 2016, eu prestei pela primeira vez a Fuvest, que ainda não havia aderido às cotas. Não passei, apesar de ter cursado um cursinho popular. Entretanto, obtive nota suficiente no enem para conseguir uma bolsa integral pelo prouni na Puc-Campinas. Eu não consegui mudar de cidade, então morava, estudava e trabalhava em cidades diferentes para me manter na universidade. Apesar de ter conseguido estágio desde o primeiro semestre, era suficiente apenas para pagar o transporte. Infelizmente, por diversos problemas logísticos e afins eu tive que desistir. Prestei novamente o vestibular da USP, que dessa vez já tinha o sistema de reserva de vagas. Passei. Eu sabia que a USP ofereceria opções de permanência que eu não havia tido anteriormente, e que seriam cruciais para minha experiência no ensino superior. Entre essas medidas de permanência, encontra-se o PPE.

Quando cheguei a São Paulo, não tinha dinheiro para me manter. Graças aos auxílios da faculdade vi que conseguiria, desde que conseguisse um estágio. Na minha primeira semana de aula eu já estava em busca de um emprego, e foi quando vi a divulgação do PPE no grupo da Faculdade. Com o PPE eu sabia que poderia aproveitar melhor as experiências acadêmicas e conhecer mais da faculdade nesse meu primeiro ano.

Com o início da pandemia, novos desafios surgiram. Voltei para a casa dos meus pais, no interior do Estado. Minha mãe estava desempregada e ficamos todos receosos quanto a essa nova realidade, mas graças ao PPE eu pude ajudar um pouco com os custos da casa e ainda me manter matriculada para seguir acompanhando as aulas, mesmo num contexto EAD, sem precisar me preocupar em trancar a matrícula para buscar um emprego. Pude ainda me dedicar ao aprendizado de idiomas e participar do Departamento Jurídico XI de Agosto e ser eleita para diretoria da Casa do Estudante; com certeza essas conquistas teriam sido muito dificultadas sem o auxílio recebido.

Agradeço também os seus idealizadores por nos proporcionar encontros muito ricos com operadores do direito de diferentes áreas, que com certeza contribuíram muito para nos dar novas perspectivas de atuação, e ainda receber sábios conselhos por aqueles que já passaram por uma experiência acadêmica com o direito.

O PPE foi fundamental para minha permanência e experiência na São Francisco.



Minha trajetória como estudante teve dificuldades semelhantes a de todos os integrantes da bolsa PPE. Nesse sentido, destaca-se apenas as peculiaridades de minha experiência individual. Desde que “me conheço por gente” sempre trabalhei, isso é, do início do meu ensino fundamental ao fim do ensino médio. Além disso, durante o ensino médio tive que deixar de estudar por 3 anos para poder trabalhar, pois eu era atendente de lanchonete no McDonald's e era muito difícil conciliar a intensa atividade física que a loja me exigia com a rotina escolar. Trabalhei nessa empresa durante 2 anos e alguns meses, quando resolvi me demitir e voltar a estudar. Retomei o ensino médio com 19 anos e trabalhei em um quiosque na Barra Funda para poder ajudar nas despesas de casa. Foi durante o ensino médio que descobri a possibilidade de poder ingressar no ensino superior de forma gratuita, quando um professor disse que existia um cursinho comunitário gratuito em meu bairro, fui em busca desse cursinho. Foi nesse cursinho que me descobri como sujeito modificador do ambiente em que estou inserida, paralelamente a isso, sempre tive interesse em entender melhor a sociedade brasileira, dessa forma, decidi prestar vestibular de direito na São Francisco, pois acredito que o curso me oferece instrumentos para que eu compreenda o meu país e assim possa modificá-lo. Estudei no Cursinho Comunitário Pimentas durante 2 anos com o intuito de cursar direito na USP, não obtive êxito, porém continuei estudando em casa e após mais 2 anos consegui ingressar na SANFRAN.

Inúmeras, foram e ainda são, as dificuldades que me deparei com o ambiente universitário, dentre estas o ritmo de aprendizagem, a linguagem acadêmica, a linguagem do direito, as interações interpessoais e principalmente a barreira econômica que mais uma vez achei que fosse interromper minha trajetória acadêmica. Com o advento da pandemia, essas barreiras intensificaram-se, tendo em vista que o ensino remoto exige infraestrutura para poder estudar em casa, principalmente, internet. Contudo, quando descobri a bolsa PPE, a barreira monetária foi reduzida, tendo em vista que o auxílio financeiro teve efeito significativo para que eu continuasse os estudos sem a excessiva preocupação econômica. Além disso, durante os encontros bimestrais com o Murilo, o Ronaldo e um convidado da área do direito para conversar com a gente a angústia e pressão com relação a dinâmica universitária foi sendo atenuada, pois os convidados sempre compartilhavam as experiências deles dentro da universidade e apresentavam para nós que a adaptação à faculdade é um processo que vai sendo incorporado com o tempo.

Conseguir ingressar no ensino superior para pessoas de classe menos abastada economicamente é um misto de oportunidade e exceção à regra. Oportunidade, porque, em muitos casos, somos os primeiros da família a entrar na universidade. E exceção à regra, pois somos minorias no ambiente universitário, tendo em vista, que esse espaço é historicamente negado a nós pobres e preto brasileiros.

Nesse sentido, programas como o PPE tornam possíveis essas oportunidades e corrobora com que essas exceções (que no caso somos nós filhos e filhas da classe trabalhadora) possam se inserir cada vez mais em espaços como a SANFRAN, tendo em vista que auxilia na nossa inclusão e permanência na faculdade.



Meus pais nunca chegaram sequer a cursar o Ensino Médio, e justamente por isso, sempre frisaram para mim a importância da educação na vida de alguém, e como ela é capaz de mudar a vida das pessoas. Sendo filha de diarista, morando na periferia de São Paulo e tendo cursado escola pública a vida toda, entrar na Faculdade de Direito do Largo São Francisco foi um desafio.

Quando consegui passar, me vi mais feliz do que nunca, porém, ao mesmo tempo, outra preocupação surgiu: a de conseguir um estágio assim que possível. E ainda que a experiência profissional seja importante, e não tenha nada de errado em começar a estagiar já no primeiro ano, eu me sinto grata pela oportunidade de conseguir me focar apenas nos estudos nesse período importante de adaptação, tanto à realidade acadêmica, quanto à própria situação de quarentena e ensino à distância, em um ano que foi tão turbulento.

Ter conhecido o PPE por meio de conversas com outros estudantes foi um dos melhores acontecimentos desse ano, que não foi dos mais fáceis. Não só pelo auxílio financeiro, embora tenha sido de grande ajuda e um dos pilares de casa em meio à pandemia, mas também pelos encontros bimestrais com os convidados: a experiência de diferentes pessoas e suas trajetórias abriu meus olhos para muitas coisas e mostrou para mim os diversos caminhos que o Direito oferece. Todos relacionados ao projeto, os fundadores e organizadores, os apoiadores, que tornaram ele possível, e os convidados, impactaram a minha vida e me possibilitaram experiências únicas.



O ano de 2020 ficará marcado em minha vida, pois realizei o sonho de ser aprovado para cursar Direito na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo – USP; junto com toda a população global, vivenciei o contexto da pandemia do vírus Covid-19 e o descaso do governo Bolsonaro para com o povo brasileiro deixando-o à própria sorte e o movimento mundial Black Lives Matter.

A caminhada até a aprovação foi de muita perseverança, resistência e ajuda de muitas pessoas (ao qual tenho uma gratidão eterna por todos e todas). Nascido em Itaquera, Zona leste de São Paulo, e pertencente de uma família completamente desestruturada, comecei a trabalhar muito cedo, o que me obrigou a abandonar os estudos por um período de 2 anos. Regresso para a escola pública em 2007, na modalidade de Ensino para Jovens e Adultos – EJA e completo meus estudos.

Já em 2008 ingressei no cursinho Pré-Vestibular da Poli, com o objetivo de ser aprovado em uma universidade pública. Em 2020 saiu os resultados dos vestibulares que prestei. Fui aprovado para cursar Ciências Sociais na ainda jovem Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP (Campus Guarulhos).

Entre 2009 e 2015 foi o período em que cursei a graduação em Ciências Sociais e me formei. Apesar das grandes dificuldades, guardo com muito carinho as amizades e as experiências vividas tanto da formação formal do curso, quanto das lutas políticas: por permanência estudantil, construção de um prédio adequado para os alunos, restaurante universitário, moradias etc.

Em 2017, um querido amigo foi aprovado na Faculdade de Direito – USP e convidou eu e outros amigos para conhecê-la. Apesar de ser nascido em São Paulo, por conta da segregação socioeconômica e social, não conhecia a São Francisco e fiquei muito feliz de conhecer a Faculdade de Direito mais famosa do Brasil. Com efeito, desde 2017 voltei a me debruçar aos estudos para conseguir a aprovação no vestibular e ingressar na Sanfran.

Ao longo desses três anos foi uma jornada de muito aprendizado, humildade e resistência até a aprovação. E o PPE entra na história a partir da aprovação. Ser contemplado por uma bolsa desse projeto espetacular foi providencial. Além da questão econômica, que me ajudou muito a arcar com minhas questões econômicas e de minha filha, o PPE me possibilitou experiências que levarei por toda vida. As palestras que tivemos ao longo do ano, as discussões com os palestrantes, tutores e bolsistas abriram uma nova maneira de entender esse universo que é o campo jurídico.

Por isso, espero que logo possa contribuir e retribuir de alguma maneira com o PPE.

Gratidão por tudo.



Me chamo Guilherme, nasci em Fortaleza, Ceará, mas muito cedo me mudei para uma cidade vizinha, Itaitinga. No 9ºano, eu entrei para a escola onde terminei meu ensino médio, a Escola Professora Telina Barbosa da Costa. Lá, conheci professores que me incentivaram a seguir meus sonhos e uma biblioteca que despertou em mim o gosto pela leitura. A partir desses incentivos, fui aprovado em um curso de idiomas oferecido pela Prefeitura de Fortaleza, o IMPARH. Passei 3 anos e meio para me formar, tendo que acordar às 4 horas para chegar a tempo de assistir as aulas, já que eu precisava pegar 3 ônibus para chegar lá.

No 3ºano, fui aprovado em um cursinho popular, o XII de maio, e lá minha preparação intensiva para o ENEM começou. Não tinha certeza sobre qual curso queria, mas pelo meu gosto por idiomas, decidi cursar Letras – Português e Inglês. Passei nesse curso na Universidade Federal do Ceará. Cursei 1 semestre e vi que não era o curso certo para mim, então decidi voltar para o cursinho, mas já sem muito tempo para me preparar para o ENEM, especialmente sabendo que os cursos que eu tinha em mente eram concorridos. Sem muitas perspectivas, por não estar bem preparado, eu não sabia o que fazer. Felizmente, tudo ficou claro quando fui aprovado em um intercâmbio para a Inglaterra, promovido pela Prefeitura de Fortaleza. Se eu viajasse, eu não poderia fazer o ENEM naquele ano, já que as datas da realização da prova e da viagem coincidiam. Em busca de crescimento e novas experiências, optei pelo intercâmbio.

No ano de 2019, após o intercâmbio, decidi, sem muitas esperanças, por saber que mesmo que a bolsa fosse de 90% eu não poderia pagar, pedir por uma bolsa no cursinho Ari de Sá, uma das maiores escolas particulares do Ceará. Fui surpreendido ao conseguir bolsa integral, e em 2019 minha preparação para a Sanfran começou. O Direito, que por muito tempo surgia na minha mente como uma “profissão para defender bandidos”, fruto de uma concepção geral errônea, passou a ter um novo significado para mim. Como uma pessoa intrinsecamente incomodada com a injustiça e com uma paixão pela leitura, decidi pesquisar mais sobre o curso. Falei com amigos que cursavam direito, fui em feiras de profissões e, por fim, me decidi. Entretanto, eu não queria cursar direito em qualquer faculdade. A Universidade de São Paulo, renomada, a melhor do Brasil, era o meu objetivo. Pesquisei sobre como ingressar na USP pelo Enem e me dediquei mais do que em qualquer outro ano. Em 2020, recebo a maravilhosa notícia de que eu tinha sido aprovado na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. Um misto de emoções me atingiu. Uma alegria, devido à incrível oportunidade, mas também medo, por saber que os custos de viver em uma cidade como São Paulo, longe dos meus familiares, eram altos e incompatíveis com minha renda. A busca por moradia me levou a encontrar a Casa do Estudante, lar para estudantes de baixa renda. Fui aprovado e a alegria me contagiou novamente. Entretanto, quando cheguei em São Paulo, também tive dificuldades. O dinheiro era curto, as passagens de metrô eram caras, o apartamento precisava de móveis.

Então, conheci a bolsa PPE, por meio de amigos, e contei minha história para eles. Fui contemplado com a bolsa e isso me ajudou muito na estadia. No ano de 2020, graças à bolsa, consegui pagar um curso de francês no Centro de Idiomas; também consegui dinheiro para comprar uma cama e uma mesa de estudos; e, em tempos de pandemia, a bolsa me ajudou com gastos que não achei que teria, como o voo de retorno para a minha cidade natal. Também, as diversas palestras que tivemos ao longo do ano me ajudaram a refletir sobre problemas que, como futuro profissional do Direito, preciso conhecer, além de mostrarem campos de pesquisa e atuação interessantíssimos, que abriram meus olhos a novas possibilidades dentro do curso.

Me sinto completamente grato ao PPE, por ouvir minha história e a de tantos outros estudantes e nos ajudar em momentos tão difíceis, especialmente para estudantes de baixa renda, como o primeiro ano de faculdade. No segundo ano, pretendo me dedicar exclusivamente a atividades relacionadas à faculdade, a exemplo de extensões, como o Departamento Jurídico XI de Agosto, no qual fui contratado como estagiário administrativo recentemente. Também me dedicarei ao estudo de idiomas, como o francês, visando a aprovação no PITES.



Lembro-me vividamente do dia em que saiu a lista de aprovados na primeira chamada da FUVEST. Era uma manhã de sexta-feira e, como de costume, o site de acesso aos resultados estava congestionado. Entre apertos na tecla “F5”, uma notificação de mensagem em meu celular: uma foto com meu nome na lista de aprovados e uma amiga parabenizando-me pela aprovação na Faculdade de Direito da USP. O que senti é, para mim, ainda hoje, difícil de ser descrito. Talvez tenha sido algo como o que Clarice Lispector disse em “Se eu fosse eu”: “uma espécie de pudor que se sente diante de tudo aquilo que é grande demais”. Pensava - e sentia - em tudo o que estudar no Largo de São Francisco representaria para mim e para minha família. Seria a quebra de um ciclo que, geração após geração, nos impôs uma vida de dificuldades. E isso era, com certeza, grande demais.

Nasci e cresci em uma pequena cidade do centro-oeste paulista. Fui criado por uma mãe que, sem diploma de Ensino Médio, precisou enfrentar as mais diversas faces dos subempregos e de violações de direitos para garantir aos filhos teto e comida. É daí que, com certeza, veio minha inspiração para cursar Direito. Não acredito em predeterminações, nem guardo comigo qualquer crença semelhante. O que carrego em mim são experiências. E as que vivi - e presenciei - me mostraram que as Instituições brasileiras estão longes demais da camada mais pobre da população. E esta distância resulta numa disparidade de oportunidades que condiciona a maior parte da população a ruins ou péssimas condições de vida, e só se diminuirá quando, não por espontaneidade dos eventos, mas por uma efetiva conscientização, nós, pessoas das classes mais baixas da sociedade, ocuparmos estas Instituições e, a partir disso, fazermos-nas cumprir efetivamente com sua finalidade. E é esta a missão que tomei como minha e que me levou ao Direito.

Apesar de a aprovação na Faculdade ser um momento de grande alegria, ela, por si só, não mudava minha realidade: eu ainda era uma pessoa vinda de família pobre, do interior, que se quisesse estudar nas Arcadas precisaria encontrar maneiras de se manter na caríssima cidade de São Paulo. Na busca por oportunidades que pudessem fazer esse sonho se concretizar, tentei e consegui uma vaga na Casa do Estudante, e descobri, por meio de uma cartilha do C.A. XI de Agosto, alguns programas de suporte a estudantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica, dentre os quais, o PPE. Assim que saiu o Edital, me inscrevi e, um tempo depois, fui aprovado. Foi só neste momento que pude me sentir, finalmente, um aluno da Faculdade de Direito da USP.

Meu primeiro ano na faculdade não foi como eu imaginava. No começo do ano, eu estava participando dos encontros teóricos do GDUCC - Grupo de Diálogo Universidade-Cárcere-Comunidade -, que era, definitivamente, a extensão que eu mais havia me interessado. No entanto, logo veio a pandemia e as atividades do grupo - que algumas semanas depois entraria na chamada “fase clínica”, em que alguns membros vão a uma unidade prisional - foram suspensas. Com isso, precisei rever meus planos e procurar outros projetos de extensão que eu havia gostado. Ao longo do ano, participei por um tempo do ciclo de aulas do DJ 4.0, onde tive um valiosíssimo contato com intersecções entre Direito e tecnologia, e de reuniões do Núcleo de Direito à Cidade (NDC), por meio das quais pude conhecer os projetos de alguns candidatos à Prefeitura de São Paulo para a área de Moradia, por exemplo. Estes projetos foram muito importantes para que eu pudesse ter contato com áreas do Direito que não estiveram muito presentes nos conteúdos abordados pelas aulas. Além disso, passei a participar do movimento estudantil por meio do Movimento Travessia, coletivo político na São Francisco com o qual mais me identifiquei, e que defende exatamente o que me trouxe ao Direito: uma democracia radical, onde minorias políticas tomem as posições que foram-nas historicamente negadas.

A USP é uma universidade pública, gratuita e de qualidade, que tem adotado, nos últimos anos, uma progressiva política de reserva de vagas como ações afirmativas. Formar-se nesta Universidade é, sem dúvidas, uma significativa oportunidade de mudança de vida para pessoas como eu. No entanto, não basta que as portas de ingresso desta Instituição se abram para nós: é preciso que tenhamos condições de permanecer. E são programas como o PPE que têm cumprido o papel de nos proporcionar o suporte financeiro que nossas famílias não puderam nos oferecer, e que, então, contribuem decisivamente para nossa permanência, e viabilizam nossa formação. Por isso, sou muito grato ao PPE e a todos que tornam este projeto possível, pois se estou indo para o meu segundo ano na São Francisco, é porque contei com este apoio.



“Sabedoria e Conhecimento”, tais foram os grandes desejos de minha avó materna para sua família, repetidamente exclamados durante seu tempo de vida. Os “desígnios do destino”, por assim dizer, não foram favoráveis a essas aspirações. Afinal, contextualizar-se em um cenário de hipossuficiência econômica, sobrevivendo sobre os mandos e desmandos de um “senhor de terras”, em meio à vigência de um período coronelista, obstou o desdobramento de tal sonho avito.

Tempos após seu falecimento, a despeito de nossa débil situação financeira, minha mãe prosseguiu o desejo de minha avó, incentivando-me aos estudos a todo momento, a caminhar por essa longa trajetória rumo ao saber. Nessa caminhada, passei a alimentar o sonho de cursar Direito, o qual, para além de um curso que permite seguir uma desejável carreira no meio jurídico, sempre transpareceu uma área de estudos que também fomenta a criticidade, a multidisciplinariedade, a aliança entre a teoria e a prática, a atuação transformadora e a busca por conhecimento de mundo.

Meu primeiro contato com tal campo de saber, no entanto, foi durante o ensino médio, no Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG), onde prestei o curso técnico integrado em Segurança do Trabalho. Em decorrência disso, obtive a oportunidade de cursar a disciplina de Legislação Trabalhista, conhecida pelos alunos como “Direito do Trabalho”, por meio da qual não apenas me certifiquei da paixão pela área, como também a desenvolvi.

Isto posto, o ingresso na tão aclamada Faculdade de Direito do Largo do São Francisco sobreveio circundado de uma grande surpresa e alegria, atentando-se para as possibilidades de cumprir um antigo anseio familiar – que por demasiadas vezes se comportou como simples utopia – e de adentrar um respeitado ambiente acadêmico que reluz distintos saberes, conhecimentos, pensamentos, ideais e perspectivas. Por outro lado, contudo, similarmente emergiram inquietações relativas à permanência, especialmente por se tratar de um ambiente notoriamente elitizado. Suscitaram-se, assim, questões fundamentais referentes à moradia (que, especificamente, foi sanada com a entrada na Casa do Estudante), alimentação, transporte e demais necessidades essenciais, uma vez que englobava a mudança para outro estado em uma cidade completamente diferente.

Nesse ponto, destaco, pois, principalmente em face à turbulenta conjuntura da pandemia, a relevância do Programa de Permanência Estudantil (PPE), cuja existência contribuiu significativamente para fomentar minha manutenção e possibilitar uma exclusiva dedicação acadêmica (em que pude contatar múltiplas vertentes do Direito através das diversificadas disciplinas obrigatórias e optativas cursadas, bem como por meio da participação no projeto de extensão Grupo de Estudos em Teoria do Estado Brasileiro). Para além disso, o Programa permitiu familiarizar-me com as atuações dos diversos segmentos de carreira jurídica, tendo em vista a ocorrência de enriquecedoras videoconferências com profissionais do Poder Judiciário, terceiro setor, docência e escritórios de advocacia, abordando plurais temáticas – desde trajetórias pessoais a benefícios, problematizações e complexidades de cada área – fundamentais ao aprimoramento de uma primeiro-anista do Direito.

Agradeço muitíssimo ao PPE pela assistência, pela disposição de seus organizadores, pelas oportunidades divulgadas, pela experiência, pela abertura de horizontes... Enfim, pela humanidade que propõem!



Iniciei 2020 receoso com a divulgação dos resultados dos vestibulares. Devido ao atraso no cronograma do ENEM, continuei frequentando o cursinho particular, onde eu estudava e trabalhava, no Recife. Eu não tinha certeza de qual curso escolher, pois sempre tive uma predisposição para aprender e todas as áreas me interessam. Por ter mais facilidade com a matéria de biológicas, eu tinha em mente cursar Medicina. No entanto, durante esse hiato no cursinho, pesquisei na internet mais um pouco sobre outros cursos para ter, ao menos, uma ínfima certeza de que estava fazendo a escolha correta. Nessa busca, acabei, graças aos algoritmos do Google, caindo no site da Gazeta Arcadas, jornal discente da SanFran. Por meio do site, conheci um pouco das muitas oportunidades que a Faculdade oferece. Desde então, Direito na São Francisco me veio, ficou em minha mente e impediu outro de chegar, talvez por acreditar que o progresso está nas Arcadas.

Meu desempenho no ENEM havia sido razoável e eu poderia escolher entre cursar Medicina na UFPE ou Direito na São Francisco. Porém, a falta de recursos financeiros tornava inviável minha ida à São Paulo. Conversei com minha mãe e ele disse que conseguiria custear a passagem, mas que não tinha condições de me manter na cidade. Com isso, pesquisei sobre os programas de auxílio da USP e falei com uma amiga moradora do Conjunto Residencial da USP (CRUSP) para me hospedar no apartamento, pois, devido ao atraso na divulgação da lista de aprovados do SISU, eu não conseguiria ingressar na Casa do Estudante. Hoje, continuo no CRUSP e o PPE foi de fundamental importância para minha permanência na universidade durante esse ano.

Na primeira vez que adentrei na São Francisco, a sensação de não pertencimento foi tamanha que o êxtase em ingressar na mesma faculdade onde passaram homens e mulheres notáveis da história do país ficou em segundo plano. Apesar da mudança no perfil do corpo discente da faculdade, desde a adoção do sistema de cotas étnico-raciais pela USP, a discrepância racial assemelha-se a grandiosidade da sua estrutura. Com isso, vejo no PPE uma forma de mitigar essa problemática, possibilitando aos alunos de baixa renda um período de adaptação ao ambiente universitário.

Em razão da pandemia, não consegui viver a experiência franciscana por completa, mas, com o suporte financeiro do PPE, pude me dedicar exclusivamente ao meio acadêmico. Hoje, faço parte do grupo de pesquisa do Departamento de Direito Econômico, Financeiro e Tributário, no qual pesquisamos sobre os instrumentos jurídicos do nacionalismo econômico. Também sou estagiário administrativo do Departamento Jurídico XI De Agosto, instituição que presta assistência jurídica gratuita à população hipossuficiente de São Paulo e participo como plantonista do Arcadas Vestibulares, cursinho popular da Faculdade.

Portanto, o PPE serviu de alicerce para o meu desenvolvimento ao longo desse ano. Os encontros, apesar de virtuais, foram acolhedores e enriquecedores. Sou grato por ter compartilhado e aprendido com meus colegas de projeto. Tanto os idealizadores quanto os convidados sempre se mostraram solícitos, de tal modo que o distanciamento era apenas físico.



Eu tenho 18 anos e sou natural de Gurupi, cidade localizada no estado do Tocantins. Ou seja, bem longe de São Paulo. E o ano de 2020, para mim, começou de uma forma inusitada, eu lembro perfeitamente da difícil decisão de olhar o site do SISU e ter que escolher entre uma universidade que é perto da minha casa e uma que fica a muitos quilômetros dela, tanto que diversas foram as vezes que tirei a FDUSP das opções (que eram apenas duas). Isso devido as coisas que passavam pela minha mente, dentre elas, principalmente, a seguinte pergunta: como vou me manter em São Paulo?

Eu considero que o PPE estava me ajudando mesmo antes da minha inscrição no programa. Dado que, foi somente através de algumas pesquisas na internet que fui conseguindo ver formas de tornar a FDUSP algo alcançável, nestas pesquisas achei a Casa do Estudante, o PPE, e outros programas que visam garantir a permanência estudantil. Então foi somente sabendo da existência desses programas que tomei a coragem de colocar o curso de direito na Sanfran como primeira opção no SISU. Uma ótima decisão inclusive.

Dentre outras coisas, a bolsa oferecida pelo PPE foi uma das coisas que me permitiu continuar em São Paulo mesmo após o início das aulas online, dado que retornar para a minha cidade não era algo possível naquele momento, dado que eu não teria um local ideal para estudos. E além disso, os encontros virtuais, promovidos bimestralmente, foram todos muito interessantes, dinâmicos e com convidados excelentes. E ainda abriram meus olhos para outras possibilidades de carreira, além do concurso público.

BOLSISTAS

LARA TAMYRES PEREIRA DE SOUSA DOS SANTOS



“Eu sou o sonho dos meus pais, que eram sonhos dos avós, que eram sonhos dos meus ancestrais ...”

Sou Lara Tamyres dos Santos, tenho 21 anos, moradora da Casa do Estudante da Faculdade e participante da gestão 2021 dessa entidade. Nasci no interior do Pará, em uma cidade chamada Quatipuru, mas passei a maior parte da minha vida morando em Ananindeua. Fui criada na periferia da cidade, mas sempre tive acesso à educação pública de qualidade. Gosto de dizer que onde cheguei não tem qualquer pacto com a ideia de meritocracia, sou produto da luta coletiva de meus pais, da minha família, da igreja e de toda minha comunidade.

A São Francisco ainda não é o lugar que eu considero meu espaço, ainda tenho sérios problemas com as estruturas patriarcais e escravocratas que esse lugar carrega e representa. Mas compreendo que só a luta coletiva muda as coisas, por isso integro a gestão do maior espaço de luta por dignidade e moradia para pessoas vulneráveis da Faculdade, que é a Casa do Estudante.

Entrar na Sanfran é um sonho realizado, mas insisto em dizer que não é um sonho completo. Sinto falta de ver referências políticas, de docência e nas gestões de extensões parecidas comigo no âmbito das Arcadas. Em razão disso, não posso me fazer indiferente às questões políticas e de disputa de narrativa, além dos de projeto de universidade que a Sanfran pauta no contexto externo e interno, pois isso significa pavimentar o caminho para que a universidade verdadeiramente tenha a cara do povo: seja preta, da periferia, da escola pública.

Neste ano anômalo, essas disputas aconteceram de modo virtual, por isso reitero a importância do PPE em possibilitar que se pudesse fazer a luta estudantil de forma segura, com seguridade econômica e fortalecimento das habilidades de incidência nas questões da faculdade.

Com certeza 2020 foi um ano de perdas e de desafios, enfrentar uma pandemia no primeiro ano de faculdade nos fez enfrentar a solidão das aulas virtuais, e a incerteza de que esse processo de aprendizado virtual estava funcionando. Contudo, o PPE se mostrou excepcional em não nos deixar enfrentar esse ano sozinhos. Nos foi oferecido a segurança financeira para ajudar em casa e permanecer fazendo distanciamento social, na compra de livros e eletrônicos para o melhor aproveitamento das aulas e de outras atividades acadêmicas, além de conversas com atores de diversas frentes do direito.

No decorrer do ano pude participar de extensões da faculdade que me agregaram muito como profissional, militante e aluna. Em especial, o grupo de Estudos de Direito e Sexualidade (GEDS-FDUSP), o qual considero um espaço seguro e de amizades que vale a pena lutar ao lado. Também participei do DJ 4.0, o grupo de Estudos sobre programação jurídica que me deu subsídios para pensar o direito de forma nova, me oferecendo a chance de manipular ferramentas de tecnologia que eu não tinha experiência. Além disso, no Departamento Jurídico XI de Agosto, pude participar da jornada como estagiária administrativa.

Por fim, gostaria de agradecer a oportunidade e sinalizar o papel do PPE em reconhecer que as Arcadas estão sendo ocupadas por novas realidades, novos sobrenomes, por filhos e filhas de merendeiras, vigias, pedreiros e garis que precisam de políticas próprias para usufruírem dos espaços da universidade de maneira equânime.

Iniciei meu texto citando Emicida e terminarei lembrando que “tudo que nós tem é nós”.

Pretas, pobres e travestis, venham, as Arcadas são nossas!

PRESTAÇÃO DE CONTAS

FAÇA UMA
DOAÇÃO
(CHAVE PIX)



Demonstrações de Resultado - 2020

	Nota Explicativa		2020
Receitas das atividades assistenciais			
Doações de pessoas físicas	1	R\$	78.600,00
Total das receitas das atividades assistenciais		R\$	78.600,00
Custos das atividades assistenciais			
Quitação das 10 bolsas estudentis ofertadas	2	-R\$	55.000,00
Resultado bruto		R\$	23.600,00
Resultado operacional			
Receitas financeiras	3	R\$	1.555,73
Fundo de reserva (atualizado até 03/02/2021)		R\$	29.309,20
Superavit em 03/02/2021	4	R\$	54.464,93

Notas Explicativas

1 - Doações

O PPE recebeu doações de 26 pessoas físicas em 2020. As doações foram suficientes à concessão de 10 bolsas estudentis e, somadas aos superavits dos anos anteriores, permitiram o acúmulo de reserva equivalente ao valor de 9,9 bolsas.

2 - Pagamento das Bolsas

Todos os bolsistas permaneceram no PPE entre os meses de março de 2020 e janeiro de 2021, recebendo integralmente a bolsa (R\$5.500,00).

3 - Receitas Financeiras

As doações realizadas pelos apoiadores do projeto permaneceram investidas em aplicação vinculada ao CDI (conta corrente NuBank), tendo gerado resultado positivo de R\$1.555,73, sem qualquer despesa financeira.

4 - Superávit

Os recursos superavitários integram o fundo de reserva para manutenção do PPE nos anos em que as doações forem insuficientes à concessão das bolsas oferecidas.

Banco 260 - Nu Pagamentos
Agência 0001
Conta 7241276-3
Murilo Henrique Morelli

FAÇA UMA
DOAÇÃO
(CHAVE PIX)



PPE - PROGRAMA DE PERMANÊNCIA ESTUDANTIL

BOLSAPPE@GMAIL.COM

WWW.BOLSAPPE.COM